

Resolução CPP 12/2020: UnB, sua linda!

Viviane de Melo Resende e Mônica Nogueira

A realidade de mulheres pesquisadoras e docentes do ensino superior vem ganhando atenção crescente nos últimos anos. Embora sejamos maioria em muitas das instituições de ensino superior – como na Universidade de Brasília, em que somamos 51,1% do conjunto de docentes e 53,5% de estudantes de pós-graduação –, pesquisas revelam que mulheres enfrentam mais obstáculos para progredirem na carreira acadêmica.

Muitas das dificuldades que se impõem às mulheres estão associadas à maternidade. Por isso, foi com entusiasmo que recebemos a notícia da aprovação, na última sexta-feira, 23, da Resolução nº 12/2020, pela Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação (CPP), que dispõe sobre credenciamento e credenciamento de docentes em licença maternidade nos programas de pós-graduação. Em junho, a CPP já havia aprovado a Resolução nº 04/2020, assegurando direitos às estudantes de pós-graduação em licença maternidade. Juntos, esses dois normativos representam avanços no enfrentamento de barreiras de gênero no trabalho acadêmico e científico, muitas vezes sutis, mas sempre presentes.

A desigualdade de gênero na vida acadêmica não se dá em função exclusiva da maternidade e dos cuidados com a família, mas esses são fatores preponderantes nas histórias de muitas mulheres universitárias. A maternidade e os cuidados com bebês e crianças levam à necessidade de tomar tempo, tomar ar, emergir das demandantes rotinas de pesquisa e produção acadêmica, e como o padrão de exigência sobre mulheres e homens em torno da manutenção da vida está longe de ser o mesmo, não é incomum que as mulheres-mães-pesquisadoras vejam-se em condições de difícil concorrência.

Em sua pesquisa sobre o tema, Marília Moschkovich (2015) aponta desigualdades de gênero inclusive em áreas acadêmicas em que mulheres, sendo maioria, encontram barreiras para se afirmarem. Tendo analisado dados de trajetórias docentes em uma universidade pública brasileira, a pesquisadora entendeu que o fato de serem maioria em certas áreas do conhecimento não garante às mulheres as posições mais destacadas nesses campos científicos. Docentes do sexo feminino têm menos chance que os do sexo masculino de alcançar o topo da carreira, segundo sua pesquisa.

Dados do CNPq de 2015 confirmam: embora as mulheres representem maioria entre pessoas tituladas com mestrado e doutorado no Brasil (Venturini, 2017), e também sejam maioria entre bolsistas de iniciação científica, mestrado e doutorado, a situação se inverte quanto à distribuição de bolsas de produtividade em pesquisa, as mais prestigiosas no país. A presença masculina ainda se eleva quanto mais alto o reconhecimento na escala hierárquica dessas bolsas PQ, nos níveis 1A e SR, como aponta Moema Guedes (2014).

Os resultados da pesquisa *Parent in Science* (Staniscuaski et al., 2018) apontaram uma das razões por trás dessa assimetria: o impacto da maternidade na carreira científica das mulheres brasileiras. A pesquisa entrevistou 1.182 cientistas em todo o país, no segundo semestre de 2017. De acordo com o estudo, mulheres cientistas enfrentam uma queda significativa no número de publicações nos primeiros quatro anos dos filhos, só retomando os patamares comumente exigidos pelos programas de pós-graduação após esse período.

Esses dados indicam que a desigualdade de gênero na ciência é uma questão urgente, a ser enfrentada com políticas e ações institucionais. Mesmo com recentes e constantes avanços

femininos em universidades brasileiras, ainda há muitas barreiras, construídas historicamente nas bases do machismo e da misoginia fundantes de nossa sociedade. Nesses tempos aterradores em que velhas sombras se levantam, é um alento ser Universidade de Brasília e testemunhar sua ação de vanguarda em mais esse tema. As recentes resoluções da CPP também apontam a importância de contarmos hoje com mulheres na Administração Superior da Universidade: professoras Antonádia Borges, na Diretoria de Pós-Graduação e Adalene Moreira, no Decanato de Pós-Graduação, sob a liderança da reitora, Márcia Abrahão. Orgulho dessas e outras tantas mulheres que fazem a UnB, sua linda!

Referências

GUEDES, Moema de Castro. **Bolsas e bolsistas de produtividade do CNPq: uma análise de gênero**. Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – 14º SNH. Belo Horizonte, UFMG, 2014. ISBN: 978-85-62707-62-9.

MOSCHKOVICH, Marília. **As chances das mulheres na universidade**. Revista FAPESP, Edição 238 dez. 2015.

VENTURINI, Anna Carolina. **A presença das mulheres nas universidades brasileiras: um panorama de desigualdade**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

STANISCUASKI, Fernanda et al. **Parent in Science: um estudo detalhado sobre o impacto da maternidade na carreira científica das mulheres brasileiras**. Parent in Science, 2018. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/inicio>. Acesso em 25/10/2020.

Sobre as autoras

Viviane de Melo Resende é doutora em Linguística, professora associada do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) e diretora do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da Universidade de Brasília.

Mônica Nogueira é doutora em Antropologia Social, professora da Faculdade UnB Planaltina (FUP) e coordenadora do Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT) da Universidade de Brasília.